

# *Silenciando o discurso: a perseguição global de ativistas ambientais*

Bruna Maciel

Fundadora do movimento jovem universal pelo combate às mudanças climáticas e proteção do meio ambiente intitulado *Fridays for the Future*, a ativista sueca Greta Thunberg foi nomeada aos dezesseis anos como Personalidade do Ano de 2019 pela revista americana *Time*. O protagonismo de Greta foi alvo de críticas do então presidente dos EUA, Donald Trump, que, em seu Twitter, descreveu a nomeação como “ridícula”. “Tão ridículo. Greta precisa trabalhar em seu problema de controle da raiva, depois ir a um bom filme antigo com um amigo! Calma, Greta, calma!”<sup>[1]</sup> constava, em inglês, no tweet (TRUMP, 2019). Poucos dias antes, o presidente brasileiro Jair Bolsonaro referiu-se a Greta como “pirralha” após ser questionado por jornalistas sobre a morte de dois indígenas Guajajara em um atentado no Maranhão (MAZUI, 2019). Com humor, Greta respondeu a Bolsonaro escrevendo “pirralha”, no próprio termo em português, em sua descrição biográfica no Twitter.

[1] Original: “So ridiculous. Greta must work on her Anger Management problem, then go to a good old fashioned movie with a friend! Chill, Greta, chill!”

Mas a oposição a ativistas ambientais nem sempre se manifesta em forma de ofensa e deboche internacional. Ao exprimirem sua preocupação com o meio ambiente e promoverem a mobilização pelo combate às mudanças climáticas, essas pessoas são recorrentemente presas, ameaçadas, torturadas ou assassinadas nas mais diversas localidades do mundo. Esta análise expõe brevemente a gravidade de um problema que ainda não recebe a devida atenção da sociedade, retratando casos de ativistas que sofreram recentemente com alguma dessas formas de perseguição no Brasil e no restante do mundo. É notável que, enquanto grande parte dos agressores não foi responsabilizada pelos atos, as autoridades locais, apesar da incumbência sobre a proteção dos ativistas, frequentemente assumem a função opressora, participando da movimentação que os destitui de suas liberdades de manifestação.

Em um dos episódios mais recentes do silenciamento de ativistas ambientais, no mês de fevereiro, a indiana Disha Ravi foi presa em Nova Délhi, após participar dos protestos de agricultores que desestabilizam a Índia desde dezembro de 2020. As autoridades locais a acusam de “promover a discórdia contra o Estado” (QUEM, 2021). Os protestos na Índia acontecem desde novembro do ano passado, movimentando pequenos agricultores contra uma série de medidas do governo para afrouxar as regras sobre a venda, preço e armazenamento de produtos agrícolas (PROTESTO, 2021). Os trabalhadores temem que as novas leis sejam prejudiciais aos seus negócios ao reduzir seu poder de barganha e deixá-los vulneráveis à competição por grandes corporações privadas (PROTESTO, 2021).

A prisão de Ravi gerou revolta entre ambientalistas de todo o mundo, levantando posicionamentos importantes de figuras políticas. A autora Meena Harris, sobrinha da vice-presidente norte-americana Kamala Harris, pronunciou-se em seu Twitter, em inglês: “Outra jovem mulher ativista, Disha Ravi, foi presa há uma semana por apoiar os protestos dos agricultores. É uma crise na Índia. Soltem essas mulheres agora”<sup>[2]</sup>. A justiça indiana garantiu fiança a Disha Ravi alguns dias depois de sua detenção.

[2] Original:  
“Another young  
female activist, Disha  
Ravi, was arrested  
a week ago for  
supporting the farmer  
protests. This is a  
crisis in India. Free  
these women now.”

## O Brasil e o caso dos indígenas Guajajara

A perseguição a ativistas ambientais é uma questão essencial que necessita atenção urgente das autoridades em todo o planeta; as trocas de ofensas em redes sociais, apesar de receberem grande atenção da mídia, são apenas o que pode ser chamado figurativamente de “a ponta do *iceberg*”. Enquanto é urgente se atentar para casos como o de Disha Ravi, são igualmente emergentes os de ativistas indígenas

perseguidos e mortos dentro do próprio território brasileiro.

No Brasil, a perseguição a ativistas ambientais é tão antiga quanto o próprio ativismo. A história do país foi marcada pelo assassinato de Francisco Alves Mendes Filho, conhecido como Chico Mendes, em 1988. Ativista ambiental, Chico Mendes protestou continuamente o desmatamento na Amazônia na região do Acre em que trabalhava nos seringais. O episódio gerou grande comoção, e seu nome foi dado ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), fundado em 2007 para gestão das unidades de conservação da natureza no Brasil (QUEM, 2020). Em outra situação, a missionária Dorothy Stang, conhecida como Irmã Dorothy, foi assassinada com seis tiros à queima-roupa no ano de 2005. Irmã Dorothy prestava apoio a pequenos produtores agroextrativistas no Pará e lutava pela implantação de projetos de desenvolvimento sustentável (SANSON, 2015). Apesar dessas lembranças, a perseguição persiste até a atualidade e faz novas vítimas, como foi o caso das lideranças indígenas Guajajara, no Maranhão.

Antes mesmo do atentado referido pelo presidente Bolsonaro em sua fala sobre Greta Thunberg, a ONG Sociedade Maranhense de Direitos Humanos já havia divulgado o número de treze indígenas mortos entre 2016 e novembro de 2019, sem que qualquer culpado fosse encontrado ou punido (DE, 2019). O levantamento foi realizado após o assassinato de Paulo Paulino Guajajara, morto a tiros em uma emboscada de madeireiros (DE, 2019). Paulo era membro do grupo Guardiões da Floresta, que age vigiando a atuação de madeireiros criminosos na região, além de contribuir no controle das queimadas e oferecer auxílio na contenção dos incêndios florestais.

Paulo Guajajara já havia sido incluído no Programa Estadual de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos no momento de sua morte. O último líder

Guajajara pertencente ao grupo Guardiões da Floresta foi removido da região após o atentado (LÍDER, 2019). Ainda assim, dois indígenas Guajajara foram mortos apenas um mês depois da morte de Paulo (FRÓES, 2019).

Em 31 de março de 2020, mais uma vítima Guajajara foi assassinada na região. Zezico Rodrigues Guajajara foi morto a tiros após denunciar continuamente a invasão de madeireiros, as atividades de extração ilegal e as queimadas criminosas nas proximidades de sua aldeia. Após a sua morte, o povo Guajajara continuou alertando quanto aos crimes e insistindo para que as autoridades estendessem sua atuação na região. As invasões de madeireiros e ameaças à vida dos indígenas são realidade para os Guajajara há vinte anos, somando 49 homicídios desde o ano de 2000 (SANTANA, 2020).

## **As denúncias no mundo**

A semelhança que une as vítimas da perseguição do ativismo ambiental está além de sua causa. Muitos pertencem a grupos marginalizados, como mulheres, indígenas e refugiados, muitas vezes jovens, que compartilham da preocupação com o futuro do planeta. Para agravar a situação, em casos mais sérios, envolvendo abusos, mortes ou desaparecimentos, percebe-se a recorrente impunidade sobre os culpados.

É comum que autoridades e chefias de instituições locais, ao não se preocuparem em salvaguardar o bem-estar desses ativistas por negarem a pertinência de sua causa, permitam espaço para a impunidade. Um comentário de dezembro de 2020 da pesquisadora Damelya Aitkhozhina aponta os riscos enfrentados pelos ativistas ambientais na Rússia, utilizando como exemplo o caso de Andrey

Rudomakha, presidente da Vigilância Ambiental para o Norte do Cáucaso. No último mês de novembro, Rudomakha teve sua casa invadida por um grupo especial da polícia; após uma busca de cinco horas em sua casa, ele foi levado à delegacia para investigação e indicado como testemunha de um crime contra um ativista local (AITKHOZHINA, 2020).

Em 2017, Rudomakha foi vítima de um ataque que o levou ao hospital. Apesar da existência de evidências, a polícia declarou que não havia identificado os suspeitos (AITKHOZHINA, 2020). Além da impunidade dos agressores, a crítica aponta também para os obstáculos jurídicos que são colocados aos ativistas ambientais russos, obrigando-os a fechar organizações ou mesmo fugir do país. A lei de “agentes estrangeiros” russa é frequentemente utilizada como pretexto para as perseguições, como no caso da ativista Alexandra Koroleva, que deixou a Rússia em 2019 diante de acusações criminais (AITKHOZHINA, 2020).

No âmbito do Brasil, uma acusação foi colocada pelo grupo *Human Rights Watch* em relação à política ambiental do governo Bolsonaro em uma Carta sobre a Amazônia e seus Defensores à Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A carta afirma que a administração Bolsonaro “sabotou as agências de cumprimento da lei ambiental do Brasil, acusou falsamente organizações da sociedade civil de crimes ambientais e as afastou da formulação de políticas e procurou minar os direitos indígenas” (ARIDA; WILKINSON, 2021). A crítica indica como a administração, embora na função de proteger a vida e liberdade desses indivíduos, pode proceder no sentido oposto, não apenas prejudicando institucionalmente o ativismo ambiental, mas ativamente atuando para restringir os direitos dos ativistas.

Já em uma das denúncias mais recentes, datada de 15 de março de 2021, o

*Human Rights Watch* chamou a atenção para o caso da ativista sul-africana Mama Fikile Ntshangase, morta a tiros em sua casa após levantar preocupações sobre uma mina de carvão nas proximidades (RALL; MNQONDO, 2021). O posicionamento traz destaque para a data do atentado, que já marca cinco meses sem avanços no encontro do culpado, e urge uma investigação que o leve à justiça. No mesmo comentário, a autora aponta que “a violência e a intimidação contra aqueles que levantam suas vozes para defender seu direito a um meio ambiente saudável é endêmica na África do Sul”<sup>[3]</sup> (RALL; MNQONDO, 2021, tradução nossa).

[2] Original: “violence and intimidation against those who raise their voices to defend their right to a healthy environment is endemic in South Africa” (RALL; MNQONDO, 2021).

## O combate à perseguição

Apesar da crise climática, a gestão dos recursos naturais no planeta continua se apoiando em descumprimentos aos Direitos Humanos e no silenciamento e impunidade seletiva em diversas localidades. No lugar do empenho pela ação coletiva e unidade, os discursos e a atividade em favor do meio ambiente são constrangidos, ameaçados, e eliminados com o ataque às vidas dos ativistas, frequentemente com apoio de meios institucionais e sem qualquer punição à vista.

Como as demais esferas da ação ao combate à mudança climática, a proteção aos seus ativistas deve ocorrer de forma integrada às demais medidas e apela para a responsabilidade coletiva. Concretizar esses objetivos, entretanto, é um desafio diante do descrédito de lideranças, governos, e administrações que, muitas vezes, representam a perseguição que é temida pelos ativistas.

No entanto, nem todas as colocações de lideranças sobre os movimentos de combate às mudanças climáticas são de oposição. Em seu discurso na Conferência de Segurança de Munique de 2021, o presidente americano Joe Biden indicou

a necessidade de “nos responsabilizarmos mutuamente” sobre a crise climática, solicitando a união internacional em favor da cooperação para a questão.

As instituições locais e internacionais que buscam mitigar a violência e a perseguição contra ativistas ambientais desempenham papel fundamental nesse processo, mas ainda carecem de recursos adequados para exercer seu trabalho. A liberdade de imprensa, em risco em muitos países, é fundamental para que instituições e organizações não-governamentais, a exemplo do *Human Rights Watch*, continuem a denunciar violações contra os direitos humanos e a proteger os ativistas.

Para ativistas em risco no Brasil, há a possibilidade de recorrer ao Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas (PPDDH). O programa está em vigor desde 2019 e é coordenado pela Secretaria Nacional de Proteção Global (SNPG), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). Seu principal objetivo é articular medidas protetivas a esses ativistas, avaliando a sua segurança, verificando a existência de ameaças e, se necessário, retirando provisoriamente o defensor do seu local de atuação (GOVERNO FEDERAL, 2020).

Embora ainda esteja em fase de implantação, o programa já está em pleno funcionamento em Minas Gerais, Bahia, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Ceará e Maranhão. Os casos em outros estados são acompanhados por uma equipe técnica federal que está diretamente vinculada à Coordenação-Geral de Proteção à Testemunha e aos Defensores de Direitos Humanos e à SNPG (GOVERNO FEDERAL, 2020). A solicitação de proteção pode ser feita pelo site do programa e está disponível em todo o país de forma gratuita.

## Referências

AITKHOZHINA, D. The Dangerous Job of Protecting the Environment in Russia. *The Moscow Times*, Russia, 1 dez 2020. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2020/12/01/the-dangerous-job-of-protecting-the-environment-in-russia-a72194>. Acesso em: 8 abr 2021.

ARIDA, A. L.; WILKINSON, D. LETTER on the Amazon and its Defenders to the Organisation for Economic Cooperation and Development (OECD). Destinatário: Representantes Permanentes dos Estados-Membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). São Paulo, 27 jan. 2021. Carta Aberta. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2021/02/06/letter-amazon-and-its-defenders-organisation-economic-cooperation-and-development>. Acesso em: 8 abr. 2021.

ATIVISTA Greta Thunberg muda descrição no Twitter para ‘pirralha’ após declaração de Bolsonaro. *G1*, 10 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/12/10/ativista-greta-thunberg-muda-descricao-no-twitter-para-pirralha-apos-declaracao-de-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 8 abr 2021.

CARDOSO, R.; PEREIRA, S. Quem são os ‘Guardiões da Floresta’, o grupo de índios protetores da Amazônia no Maranhão. *G1 MA e TV Mirante*, São Luís, 5 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2019/11/05/quem-sao-os-guardioes-da-floresta-o-grupo-de-indios-protetores-da-amazonia-no-maranhao.ghtml>. Acesso em: 8 abr 2021.

DE 2016 a 2019, 13 indígenas foram mortos no MA e nenhum autor foi identificado, diz ONG. *G1*, São Luís, 7 nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2019/11/07/em-tres-anos-13-indigenas-foram-mortos-no-maranhao-nenhum-autor-foi-identificado-diz-ong.ghtml>. Acesso em: 8 abr 2021.

FRÓES, R. Dois índios Guajajara morrem e dois ficam feridos durante atentado no Maranhão. *G1*, São Luís, 7 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2019/12/07/dois-indios-guajajara-morrem-e-quatro-feridos-durante-atentado-no-maranhao.ghtml>. Acesso em: 8 abr 2021.

GOVERNO FEDERAL (Brasil). Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas comemora um ano. *Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos*, Brasil, 24 jul. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/julho/programa-de-protecao-aos-defensores-de-direitos-humanos-comunicadores-e-ambientalistas-comemora-um-ano>. Acesso em: 8 abr 2021.

LÍDER dos Guardiões da Floresta é retirado da reserva indígena e vai para abrigo

no MA. **G1**, São Luís, 6 nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2019/11/06/lider-dos-guardioes-da-floresta-e-retirado-da-reserva-indigena-e-vai-para-abrigo-no-maranhao.ghtml>. Acesso em: 8 abr 2021.

MAZUI, G. Bolsonaro chama Greta Thunberg de ‘pirralha’ ao comentar declaração da ativista sobre morte de índios. **G1**, Brasília, 10 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/10/bolsonaro-chama-greta-thunberg-de-pirralha-ao-comentar-declaracao-da-ativista-sobre-morte-de-indios.ghtml>. Acesso em: 8 abr 2021.

PROTESTO histórico de agricultores na Índia bloqueia capital com tratores contra reformas. **BBC**, 27 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55821167>. Acesso em: 8 abr 2021

QUEM é Disha Ravi, a Greta Thunberg da Índia, presa por desafiar o governo. **G1**, 15 fev. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/02/15/quem-e-disha-ravi-a-greta-thunberg-da-india-presa-por-desafiar-o-governo.ghtml>. Acesso em: 8 abr 2021.

QUEM foi Chico Mendes e qual seu legado para a proteção da Amazônia. **Revista Galileu**, 15 dez. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2020/12/quem-foi-chico-mendes-e-qual-o-seu-legado-para-protecao-da-amazonia.html>. Acesso em: 6 maio 2021.

RALL, K.; MNQONDO, B. UN Spotlight on Killing of South African Environmental Defender. **Human Rights Watch**, 15 mar. 2021. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2021/03/15/un-spotlight-killing-south-african-environmental-defender>. Acesso em: 8 abr. 2021.

SANSON, C. O sangue ainda corre na floresta. Dez anos do assassinato de Dorothy Stang. **Instituto Humanitas Unisinos**, 10 fev. 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/539788-o-sangue-ainda-corre-na-floresta-dez-anos-do-assassinato-de-dorothy-stang>. Acesso em: 6 maio 2021.

SANTANA, R. Povo Guajajara denuncia a presença cada vez maior de madeireiros na TI Urucu Juruá. **Conselho Indigenista Missionário**, 7 maio 2020. Disponível em: <https://cimi.org.br/2020/05/povo-guajajara-denuncia-a-presenca-cada-vez-maior-de-madeireiros-na-ti-urucu-juruua/>. Acesso em: 8 abr. 2021.

SUD, V.; YEUNG, J. Indian climate activist Disha Ravi speaks for first time since her arrest. **CNN**, Nova Délhi, 14 mar. 2021. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2021/03/14/asia/disha-ravi-statement-intl-hnk/index.html>. Acesso em: 8 abr. 2021.

TRUMP ironiza ativista do clima Greta Thunberg: ‘Calma, Greta, calma’. **G1**, 12 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/12/12/trump-ironiza-ativista-do-clima-greta-thunberg-calma-greta-calma.ghtml>. Acesso em: 8 abr. 2021.